MISSÃO ANCHIETA
78.860 - DIAMANTINO - MATO GROSSO - BRASIL
C. G. C. 33.613.654/0001-40
UTILIDADE PUBLICA FEDERAL
N.º 65.001 de 15/8/69

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL
Data ___/___/___
Cod. RKD000 28

RELATÓRIO

1. HISTÓRICO DO PROBLEMA RIKBAKTSA

No final da década de 50 iniciam-se os primeiros contatos entre índios e seringueiros. Estourou a guerra. O conflito levou a muitas mortes. O Pe. João Dornstauder, SJ, em nome da Missão Anchieta (MIA), coordena o contato, durante o qual ocorreu o contágio com nossas doenças e a catástrofe consequente. De aproximadamente 1.200 índios espalhados em 40 aldeias (vide mapa 1), sobraram menos de 200, na sua maioria crianças. O que favoreceu essa catástrofe foram as muitas frentes de contatos e as grandes distâncias.

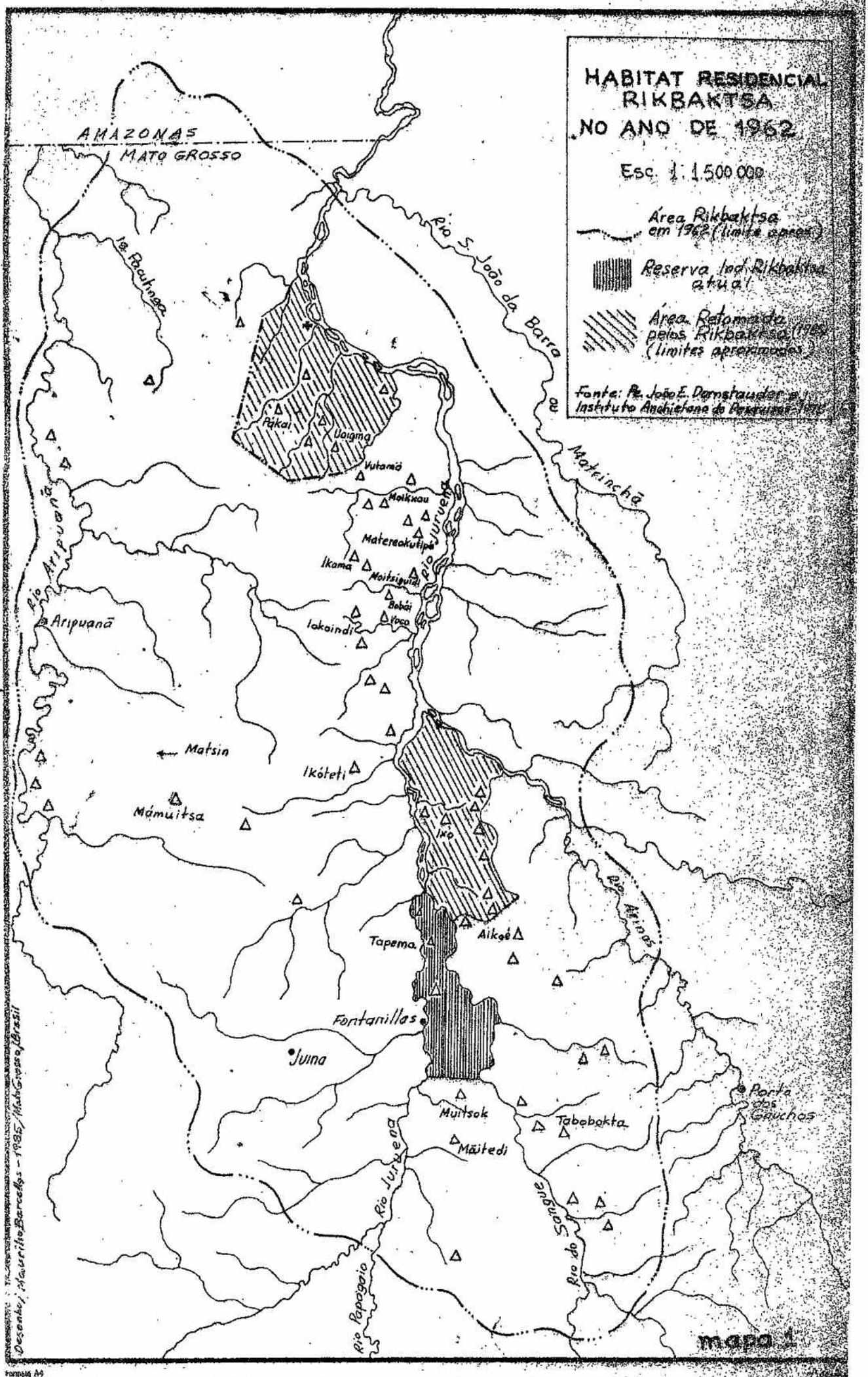
Em início de 60, já havia o atendimento mais ou menos regular por parte da MIA. Resultado: nos últimos 25 anos, os Rikbaktsa cresceram novamente e sua população atual já conta com 550 membros. O crescimento populacional dos Rikbaktsa, neste ano, deve registrar um aumento de 7 por cento.

2. ÁREA RESERVADA

A pedido da MIA, foi decretada em 08/10/68 a área atual demarcada (vide mapa 2), localizada no município de Diamantino, entre os rios do Sangue, com o Juruena, acima do Paralelo 11.

Esta área representa menos de 2 por cento da área original (mapa 1). A partir da decretação da área, iniciou-se um processo de localização dos Rikbaktsa nessa área. Existiam dois núcleos importantes fora da área decretada: o Japuíra e o Escondido.

JAPUÍRA: Em 1970, por pressão da FUNAI, que exibia documento de posse em poder de fazendeiro sobre a área do Japuíra, inicia-se a transferência que termina em 1972. Detalhe: os fazendeiros exibem certidão negativa, assinada pelo General Bandeira de Mello, de 10 de junho de


HABITAT RESIDENCIAL RIKBAKTSA NO ANO DE 1962
Esc. 1:1.500.000
Área Rikbaktsa em 1962 (limite aprox.)
Reserva Ind. Rikbaktsa atual
Área Retomada pelos Rikbaktsa (1962) (limites aproximados)
Fonte: Pe. João E. Dornstauder e Instituto Anchietano de Pesquisas - 1975
AMAZONAS
MATO GROSSO
Rio S. João da Barra
Rio Paxinga
Rio Aripuanã
Rio Juruena
Rio Arinos
Rio Papagaio
Rio Sangue
Rio do
Matsinchã
Pãkai
Uaigma
Vutamã
Maikkau
Matereakutipã
Ikamã
Maitsigutãi
Bobãi
Ipoo
Iokoindi
Aripuanã
Matsin
Ikóteti
Mãmuitsa
Iko
Tapema
Aikoé
Fontanillas
Juina
Muitsok
Tabebokta
Mãitedi
Porto dos Gauchos
mapa 1

1970. Note-se que os índios só deixaram a área do Japuíra em 1972. Mesmo assim os Rikbaktsa continuavam a voltar todos os anos para caçar, pescar e fazer coleta de frutas, principalmente castanha.

ESCONDIDO: Em 1960, luteranos de Porto Alegre, abrem um posto entre os Rikbaktsa, logo acima do Salto Augusto, entre os rios Juruena e Aripuanã (mapas 1 e 2). No final da mesma década, iniciam-se os contatos com os últimos grupos Rikbaktsa ainda arredios. O bom senso levou os luteranos a passar a responsabilidade do atendimento à MIA, após rápida interferência da FUNAI, em vista de um trabalho unificado. Como os meios de transporte eram muito lerdos, a MIA, por motivos de saúde, optou em transferir os Rikbaktsa do Escondido para a área decretada e que ficava uns 350 quilômetros ao Sul, na confluência do rio Juruena com o rio do Sangue. Esta transferência se completou em 1974.

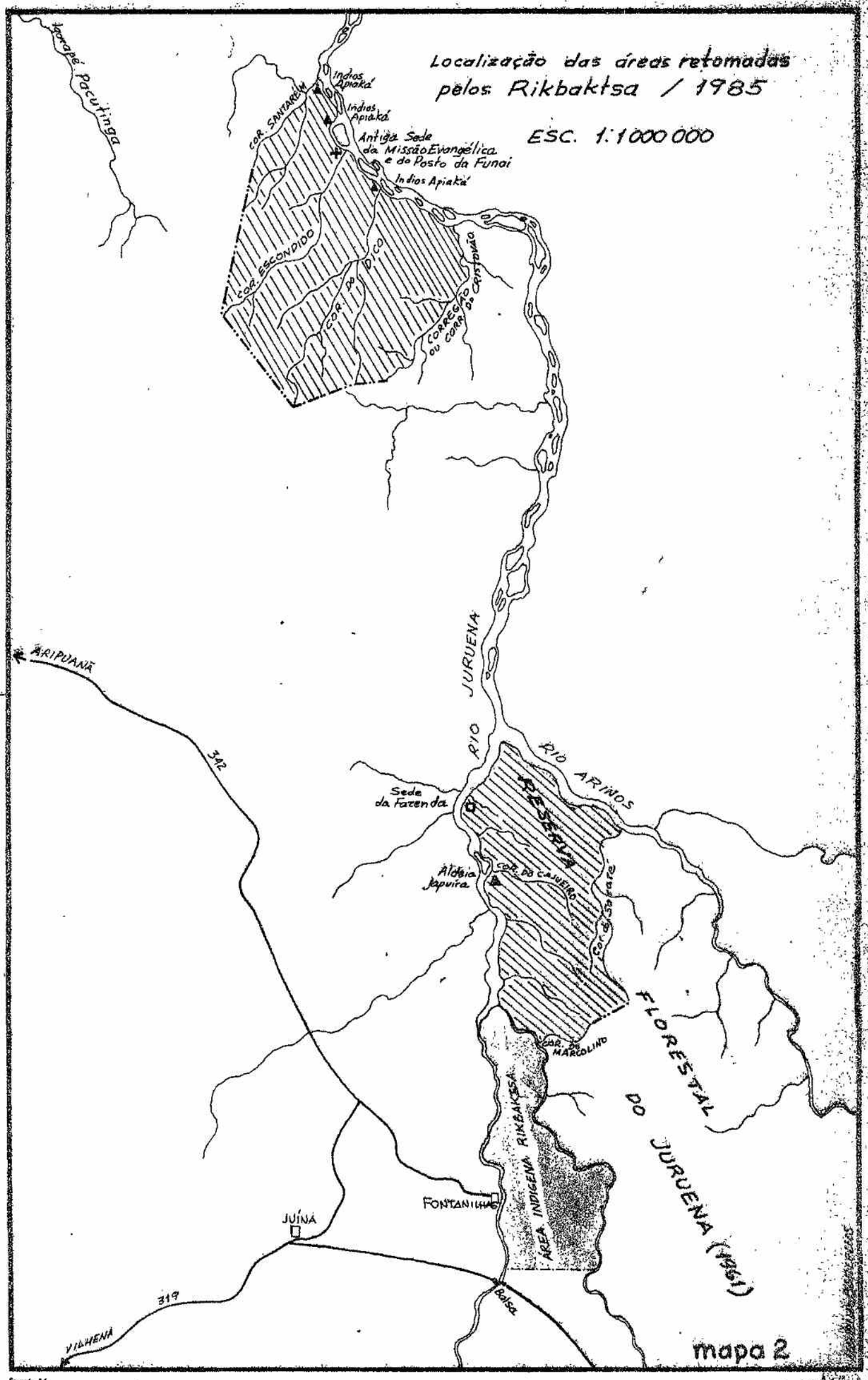
Mesmo longe de suas áreas originais, os Rikbaktsa todos os anos voltavam à região do Escondido para coleta de certa ponta de flecha especial e arcos, que só se encontram nesta área. Além de se abastecerem com penas para enfeites, conta de colares e remédios, que não existem na área atualmente demarcada.

3. PROBLEMA DA ÁREA DEMARCADA

A área é pobre em caça e pesca, o que não acontece no Japuíra e Escondido. Economicamente, os Rikbaktsa optaram pela extração de seringa, que é de fácil venda e não estraga as matas e a natureza. Com o aumento incrível da população, começou a faltar estradas de seringa. Por isso, os Rikbaktsa se voltaram para retomar o Japuíra e o Escondido.

4. PROCESSO DE CONSCIENTIZAÇÃO

Quando a MIA fez a transferência do Japuíra e do Escondido, os


Localização das áreas retomadas
pelos Rikbaktsa / 1985
ESC. 1:1000000
Igarapé Pacutinga
Indios Apiaká
Indios Apiaká
COR. SANTAREM
Antiga Sede da Missão Evangélica e do Posto da Funai
Indios Apiaká
COR. ESCONDIDO
COR. DO PIDICO
CORREGÃO OU CORR. DO CRISTOVÃO
ARIPUANÃ
BR
RIO JURUENA
RIO ARINOS
Sede da Fazenda
RESERVA
Aldeia Japuira
COR. DO CAJUEIRO
COR. DO SARARÉ
COR. DO MARCOLINO
FLORESTAL DO JURUENA (1961)
ÁREA INDÍGENA RIKBAKTSA
FONTANILHAS
JUÍNA
319
VILHENA
Balsa
mapa 2

Formato A4

Acervo ISA

MISSÃO ANCHIETA
78.860 - DIAMANTINO - MATO GROSSO - BRASIL
C. G. C. 33.613.654/0001-40
UTILIDADE PUBLICA FEDERAL
N.º 65.001 de 15/8/69

Rikbaktsa não faziam idéia do seu incrível aumento populacional na última década e a falta que o Japuíra e o Escondido fariam no futuro. Por isso, de uns dez anos para cá, quando começaram a participar de reuniões e assembléias com outros grupos indígenas, eles também despertaram para seus problemas. A primeira reação organizada, após a catástrofe dos contatos iniciais, se deu em 1978: expulsaram um fazendeiro que ocupou uma das ilhas defronte da atual área demarcada. De lá para cá, cresceu o movimento para a volta ao Japuíra e Escondido.

5. GT DA FUNAI

Em cima de um relatório do Dr. Osvaldo Cid, coordenador de um Grupo de Trabalho criado para fazer o levantamento da área reinvindicada pelos índios Rikbaktsa, e mais cartas e viagens de líderes Rikbaktsa a Cuiabá e Brasília, a FUNAI, através do Presidente Nélson Marabuto, baixa portaria e que este GT delimitasse por água, terra e ar a área pedida pelos índios, em vista de um decreto de demarcação no futuro.

Os Rikbaktsa, por sua vez, aproveitando a presença do GT, já tomaram posse do Japuíra e adjacências, inclusive uma pequena fazenda montada pelo Sr. Luiz Tavares. Desarmaram os peões da fazenda e os levaram com os seus pertences para o porto da colônia "Empreendimento Juruena", no município de Aripuanã.

6. REAÇÃO DOS FAZENDEIROS

Luiz Tavares reagiu, denunciando ao secretário de Segurança Pública de Mato Grosso, o Dr. Osvaldo CID e o Padre Balduíno Loebens, como responsáveis pela "invasão" da fazenda. (Soube-se posteriormente que a Multinacional Sharp teria participação na propriedade de uma das fazendas). De Brasília, vieram avisos que alertavam sobre os perigos que os Rikbaktsa corriam, principalmente porque os fazendei-

Acervo ISA

MISSÃO ANCHIETA
78.000 - DIAMANTINO - MATO GROSSO - BRASIL
C. G. C. 33.613.654/0001-40
UTILIDADE PUBLICA FEDERAL
N.º 65.001 de 15/8/69

ros estariam armando homens (pistoleiros) para expulsar os índios.

7. OMISSÃO DA FUNAI

No entanto, a FUNAI não tomou nenhuma iniciativa concreta, durante os quase três meses que durou o movimento reivindicatório dos Rikbaktsa, para solucionar a contento o caso. Já passara mais de um mês quando Idevar José Sardinha, assessor da 5a. DR em Cuiabá, recebe ordens superiores para ir na área do conflito e convencer os índios a se retirarem. Um outro funcionário da FUNAI de Cuiabá recebeu telex no mesmo sentido. Mas ambos se negaram a fazer este tipo de trabalho.

8. A MISSÃO DO ANTROPÓLOGO CÉLIO HORST

Com título de antropólogo da FUNAI foi enviado para a área. Em Cuiabá, ele se encontra com três Rikbaktsa (Roque, Rafael e Ernesto) que tinham ido à Capital justamente para tratar do problema do Japuíra e do Escondido. Célio convence Rafael de acompanhá-lo. Freta um avião e, no dia 19/06/85, chegou ao Japuíra. É recebido em ritual de guerra pelos índios Rikbaktsa e por mim. Foi levado então para a sede da fazenda.

No primeiro contato, comunicou que não haveria solução do caso, enquanto os índios permanecessem na fazenda. Os Rikbaktsa não aceitaram a ordem e propuseram de continuar na área com a presença de um elemento da FUNAI e possivelmente um representante do fazendeiro. Aparentemente, Célio deixou a impressão de que ele lutaria por esta proposta e que, no mais tardar, em 30 de agosto, haveria uma resposta do grupo de estudos de áreas indígenas de Brasília. Os Rikbaktsa, com isso, se tranquilizaram.

Mas, no dia 26/07/85, Horst surpreendeu os Rikbaktsa, levando um pelotão de 12 homens armados de metralhadoras, fuzis e carabinas. Os índios sentiram-se traídos e chantageados pelo antropólogo. Não hou-

ve troca de tiros, mas as acusações de parte a parte foram bastante violentas. Célio não teve coragem de retomar a fazenda e voltou para Cuiabá, onde informou Brasília num telex, de conteúdo violento: ele denunciava os índios de não aceitarem as leis vigentes no país e acusava o Padre Balduíno de comprar armas para os índios, entre outras acusações levianas que forneceu tanto ao Ministro do Interior, Costa Couto, como ao secretário de Segurança de Mato Grosso, a suposta base legal para que, pela primeira vez na história recente, tropas policiais-militares interferissem em conflitos indígenas. O que, antes, era competência exclusiva da Polícia Federal.

Assim, no dia 31/07/85, acompanhado dessa vez de quase 50 soldados, mais pistoleiros e um gerente da fazenda, Célio Horst voltou à área em conflito. Os índios, vendo o grande número de soldados, resolveram não resistir, mas fugir e se esconder nas pastagens. Dois líderes, Rafael e Arlindo, foram negociar com Célio e o tenente Altair Magalhães, comandante da operação. Diga-se, aliás, que este comandante é especializado em anti-guerrilha nas selvas. Como, no primeiro momento, os índios fugiram para o mato, os policiais atearam fogo, obrigando-os a saírem para a estrada e entregar suas armas.

9. MINHA PRISÃO

Pelas 16:30 hs. daquele dia, cheguei na área em conflito levando famílias Rikbaktsa que estavam se estabelecendo aí. Fui intimado então a acompanhar o chefe de operações. Enquanto isso, tudo era revistado e as armas, munições e gasolina foram apreendidos. O tenente me chamou dizendo que "o delegado" da FUNAI queria conversar comigo. Mas foi só pretexto. O tenente não queria me prender na frente dos índios e uma vez longe do local, no meio do rio, deu-me ordem de prisão e me mandou algemar.(x') À noite, durante duas horas, descemos o rio Juruena, cheio de cachoeiras e pedras, até o porto da colonizadora "Empreendimentos Juruena Ltda".

(x') Por ordem do Secretário de Segurança do MT

Acervo ISA

MISSÃO ANCHIETA
78.860 - DIAMANTINO - MATO GROSSO - BRASIL
C. G. C. 33.613.654/0001-40
UTILIDADE PUBLICA FEDERAL
N.º 65.001 de 15/8/69

Uma vez chegados lá, revistaram meus documentos. Eu não levava minha arma de caça, uma carabina calibre 22. Somente estava comigo a carteira de identidade e o registro de porte de arma. Tiraram então a algema e me colocaram numa cela. Fui preso às 18:30 horas da noite e pelas 23:00 horas fui colocado numa cela. No dia seguinte, recebi a visita dos Padres Duílio Libardi, vigário de Juína e seu auxiliar Pe. Ivo. Fiquei na cela das 23:00 horas de quarta-feira, dia 31/07, até aproximadamente 15:00 horas do dia 01/08. Fui então levado, sem algemas, até Cuiabá, onde descemos, no aeroporto de Várzea Grande, às 17:35 horas. Às 18:00 horas, já me encontrava no interior da Secretaria de Segurança de Mato Grosso. Não sofri maus-tratos físicos, a não ser a prisão arbitrária por ordem do Secretário de Segurança, Oscar Travassos.

10. INTERROGATÓRIO

Esperei durante duas horas na secretaria, quando pelas 20:00 horas iniciou-se o interrogatório. Houve uma série de perguntas, que eram mais para "rechear" as quatro acusações básicas, feitas pelo Célio Horst:

a) Célio me responsabilizava pela invasão.

Respondi que me encontrava na área por força da portaria nº 1859/E, de 1º de abril de 1985.

b) Célio dizia que o teria recebido com uma carabina 44 em punho e que teria ameaçado matá-lo, além de ter preparado os índios a fazer-lhe uma cilada.

Respondi que estava levando no ombro minha carabina 22, fato normal em se tratando do mato, e que o saudei, apertando-lhe a mão direita. Quanto aos índios, não houve outra coisa a não ser um ritual de guerra e estranhava que ele, como antropólogo da FUNAI, não sabia distinguir um ritual de uma agressão.

MISSÃO ANCHIETA
78.860 - DIAMANTINO - MATO GROSSO - BRASIL
C. G. C. 33.613.654/0001-40
UTILIDADE PUBLICA FEDERAL
N.º 65.001 de 15/8/69

c) Célio me acusou de armar os índios.

Respondi que a munição (pólvora, espoleta e bala 22) eram compradas com registros que se encontravam na SSP/MT e que em Fontanillas os índios encontram facilmente munição sem precisar de documento algum, como aliás fazem os fazendeiros da região. Além disso, já há mais de sete anos não se comprava arma nova.

d) Célio acusou a Missão Anchieta de ter dois mil dólares para comprar armas e munição e posteriormente invadir a colonização da Cotriguaçu (onde se encontra a área do Escondido). Esta informação teria sido dada pelo índio Rafael.

(Nota: A Cotriguaçu é uma área de um milhão de hectares, alienada pelo governo de Mato Grosso, em 1972, para um grupo de judeus, a 50 Cruzeiros o hectare, para construir um estádio de futebol em Cuiabá).

Respondi que simplesmente desconhecia esta informação .

Cuiabá, aos 05 de Agosto de 1985

Balduino Loebens

Balduíno Loebens